

“Tudo é rua”: apropriações, espaços e corpos no mercado do sexo em São Carlos/SP¹

André Rocha Rodrigues

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos

euandre.rocha@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar as diferentes formas de apropriação espacial por mulheres e travestis que desenvolvem a atividade de prostituição na região da Avenida Getúlio Vargas, na cidade de São Carlos/SP. A etnografia contribuiu para a percepção de como as profissionais do sexo produziam, viam e se relacionavam com este espaço e com a cidade, bem como possibilitou notar que, para elas, esta região possuía divisões, apropriações específicas e características próprias. Toda a referida região, que inclui a Avenida, era por elas percebida como *Rua*, e esta, por sua vez, era classificada em categorias, como *frente*, *atrás*, *dentro*, *baixo* e *fundo*, apresentando uma sintaxe própria, códigos internos que, de certa forma, atrelavam espaços e corpos. A partir desse contexto, argumento que a *Rua* apresenta possibilidades analíticas que parecem extrapolar os limites colocados por alguns conceitos e categorias muito mobilizados na antropologia urbana (tais como Casa & Rua; Peçaço; Código-Território), permitindo reflexões sobre as relações entre apropriação e construção de espaços e corpos.

Palavras-chave: Apropriação do espaço; Corpo; Mercado do Sexo; Rua.

Abstract

This study aims to present the different forms of spatial appropriation by women and transvestites who develop the activity of prostitution in the region of Getúlio Vargas Avenue in the city of São Carlos/SP. The ethnography contributed to the perception of how prostitutes produced, saw and related to this space and to the city, as well as made

1 Uma versão preliminar deste texto foi apresentado no *13th Women's Worlds Congress & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11*, realizado de 30 de julho a 04 de agosto de 2017, em Florianópolis/SC. Agradeço a Guilherme Rodrigues Passamani e a José Miguel Nieto Olivar pelos ótimos comentários e observações.

it possible to note that, for them, this region had divisions, specific appropriations and characteristics own. The entire region, which includes the Avenue, was perceived by them as *Street*, and this one, in turn, was classified in categories like *front*, *back*, *inside*, *bottom* and *background* presenting a proper grammar and internal codes and, in a certain way, linked spaces and bodies. From this context I argument that *Street* presents analytical possibilities that seem to extrapolate the limits placed by some concepts and categories very mobilized in urban anthropology (such a Home & Street; Piece; Territory-Code) and allows reflections on the relations between appropriation and construction of spaces and bodies.

Keywords: Body; Sex market; Space appropriation; Street.

“O engraçado foi justamente eu, que tinha horror à ideia de me prostituir, eu, que retardei minha transição ao máximo pra tentar me livrar desse caminho, mal me assumi e já fui quase de cara fazer a rua”

Amara Moira

Introdução

Era quase meia noite de uma quinta-feira, no começo do ano de 2012, quando voltava dirigindo do Jardim Veneza, próximo ao bairro Maria Stella Fagá, em direção ao Núcleo Residencial Dr. Sylvio Vilari, mais conhecido como Lagoa Serena. Por praticidade, saí do bairro e entrei na Rodovia Washington Luís. Após aproximadamente quatro quilômetros andando na Rodovia, entrei no acesso a São Carlos², o qual já me deixou na Avenida Getúlio Vargas, uma das principais vias de acesso da Rodovia para a cidade.

Com aproximadamente três quilômetros de extensão, a Avenida compreende duas vias de mão única paralelas (uma em direção à cidade e outra à Rodovia) dividida por um pequeno canteiro com grama e palmeiras. Por ser extensa, a Avenida Getúlio Vargas conecta vários bairros. Ao iniciar na Praça Itália³, faz ligação entre Centro e Vila Luftalla

2 São Carlos é um município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, na região Centro-Leste, e à distância rodoviária de 230 quilômetros da capital paulista. Com uma população de 246.088 habitantes (IBGE, 2017), distribuídos em uma área total de 1.137.332 km², é a 13^a maior cidade do interior do estado em número de residentes. Os dois campi da Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e a FATEC, além de uma instituição de ensino superior particular, o Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), tornam intensa a atividade universitária no município, que conta com uma população flutuante de mais de vinte e nove mil graduandos e pós-graduandos (IBGE, 2017), sendo boa parte atraída de outras cidades e estados. No campo de pesquisas, além das universidades, estão presentes no município dois centros de desenvolvimento técnico da Embrapa.

3 Espécie de complexo viário com uma rotatória principal que liga o início da Avenida São Carlos e o

e, mais à frente, faz intersecções entre Vila Irene, Vila Isabel, Jardim São Paulo, Vila Alpes, Parque São José, Recreio São Judas Tadeu e Jardim Maracanã. Na altura de dois quilômetros, no sentido do Centro à Rodovia, uma rotatória dá acesso ao Distrito Industrial Miguel Abdelnur e aos bairros Jardim Nova São Carlos, Castelo Branco e Azulville. E, ao atravessar a Rodovia Washington Luís, chega-se ao Jardim Novo Horizonte.



Figura 1: Fragmento do mapa da cidade de São Carlos (região da Avenida Getúlio Vargas). Em azul: Avenida São Carlos; Amarelo: Avenida Getúlio Vargas; Vermelho: Rodovia Washington Luís (No encontro entre Avenida São Carlos e Avenida Getúlio Vargas, em verde: Praça Itália).

Fonte: Disponível em <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/conheca-sao-carlos/153923-mapa-da-cidade.html>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Na Avenida, notei que havia algumas travestis e mulheres ocupando lugares esparsos. Já sabia que aquele era lugar de prostituição, pois morava em São Carlos há cinco anos e era muito comum ouvir os habitantes são-carlenses comentarem que ali, no período noturno, era desenvolvida tal atividade. Não sei explicar exatamente por que naquela noite surgiram em minha cabeça algumas questões sobre a cidade, sobre a Avenida Getúlio Vargas e sobre a atividade de prostituição: Por que aqui? Desde quando isso acontece aqui?

Após as indagações iniciais, voltei o olhar para como os sujeitos que ocupavam a região da Avenida Getúlio Vargas, que desenvolviam a atividade de prostituição, produziam, viam e se relacionavam com aquele espaço e com a cidade. Foi justamente essa orientação que me fez realizar a etnografia, a qual, dentre outras coisas, permitiu notar

início da Avenida Getúlio Vargas.

que para as trabalhadoras do sexo, a Avenida Getúlio Vargas era a “*Rua da frente*”⁴ e toda a região possuía uma divisão, apropriação e características próprias. A partir disso, meu interesse se voltou muito mais para pensar *como* se dava a ocupação do espaço urbano a partir das mulheres e travestis que desenvolviam a atividade de prostituição, do que uma abordagem mais urbanística ou de uma sócio-antropologia urbana.

A antropologia urbana, desde a Escola de Chicago, ao invés de uma cartografia em sentido estrito, destaca a dimensão simbólica do espaço, mostrando que existem indícios para crer no seu caráter subjetivo, ou, dito de outra forma, aponta que entre o meio físico e o homem se interpõe sempre uma ideia, uma concepção determinada (Becker, 1996). Trata-se da semantização do espaço, que, em sentido amplo, transforma-o em um espaço socializado e culturalizado, em função do significado que existe em tudo que rodeia o indivíduo. Entretanto, a tradição de estudo herdeira da Escola de Chicago ainda se manteve presa ao pensamento da cidade como corpo social, um organismo autônomo, onde as condições ambientais determinam as mudanças no comportamento humano. Contudo, o espaço urbano não diz respeito apenas à sua função e como ele determina a vida dos cidadãos, mas, sobretudo, ajuda a pensar as comunidades que nele moram (Perlongher 2005).

Foi com o intuito de olhar para as relações que se instauram no espaço urbano e os contatos que este propicia, que procurei entender a influência de determinados trabalhos e atividades (formais ou informais) no que diz respeito à ocupação de espaços públicos e privados da cidade. O complicador foi *como* fazer. Como apreender a dimensão simbólica e subjetiva do espaço? Como demonstrar os significados que as pessoas atribuíam ao espaço e os significados que o espaço atribuía às pessoas? Como colocar em palavras o que era, afinal, a *Rua*? E, ainda, mais do que colocar em palavras, de que maneira transformar isso em um texto que respeitasse a complexidade intelectual das pessoas que significavam esse espaço?

A Rua

Desde minhas primeiras incursões etnográficas e contatos iniciais com travestis e mulheres, percebi que elas tinham uma categoria própria para se referir à Avenida. Para elas, assim como disse a travesti Raabe⁵, “*Tudo é rua. Pra fora de casa é rua. Sempre quando*

4 Nesse trabalho, *Rua* (em itálico) é uma invenção feita pelas travestis e mulheres da Avenida Getúlio Vargas, ou seja, é expressão nativa. *Rua* é o que elas fazem da Avenida e arredores no período noturno. Também utilizo o recurso da grafia em itálico para diferenciar da rua damattiana (DaMatta 1991).

5 Substituí por nomes fictícios por pensar em possíveis consequências aos envolvidos, ainda que todos

vamos sair, a gente fala 'vamos pra rua'. Aí você vai ouvir 'a rua foi bem' ou 'a rua não foi bem', é assim". E nesse contexto, em que tudo é *Rua*, outras categorias foram inventadas, tais como "atrás", "fundo", "dentro", "baixo", e a Avenida Getúlio Vargas se tornou "*Rua da frente*".

Durante a pesquisa, a categoria *Rua* despertou meu interesse por seu caráter polissêmico e por marcar um espaço de relações. Quando Raabe diz que "*pra fora de casa [tudo] é rua*", ela sugere uma separação de dois contextos distintos: o *dentro* de casa e o *fora* de casa. Contudo, esses contextos são muito particulares e possuem relações próprias. A "casa" a qual ela se referiu poderia dizer respeito à uma espécie de pensão administrada por uma travesti mais velha a qual servia de residência para Raabe e outras travestis que vinham de outras cidades; poderia ainda dizer respeito à casa própria das travestis que moravam na cidade há mais tempo e possuíam residência fixa; e também "casa" era usada para se referir a boates que são utilizadas como espaço de trabalho, inclusive com quartos para efetivação dos programas.

Apesar de inúmeras tentativas, não obtive acesso às casas. Nem residenciais, nem à pensão, tão pouco às boates. Letícia da Luz Tedesco (2008) e Letizia Patriarca (2015) têm trabalhos muito interessantes sobre "casas". Tedesco (2008), preocupada com a produção de sentido e representações sobre o que vem a ser trabalho e exploração nos mercados do sexo em Porto Alegre – RS, mostra as relações construídas e estabelecidas em diferentes espaços (público e privado). A autora faz a distinção casa/rua como especificidade local, não como categorias para pensar a apropriação do espaço. Ela mostra como há um discurso feito pelos donos de casas (*drink bar/pensão/boate*) e pelas prostitutas sobre a diferença entre o trabalho e a exploração em cada um desses espaços. Patriarca (2015) mostra como as casas de prostituição em Campinas – SP e suas donas podem ser um suporte econômico e afetivo para as construções identitárias das prostitutas, representando um apoio seguro diante de violências policiais e de clientes que acometem suas experiências no mercado do sexo.

No contexto são-carlense a *Rua* delimita uma fronteira para se distinguir do ambiente doméstico e também do ambiente estritamente profissional. Essa é uma das razões, como mostrarei a seguir, pelas quais não necessariamente a *Rua* se defina por oposição ao lar, reforçando a dualidade damattiana.

Roberto DaMatta (1991) afirma que a Casa e a Rua são os modos diferenciados

afirmassem que não haveria problema se eu fizesse uso dos nomes verdadeiros na pesquisa. Os nomes utilizados foram inspirados em personagens históricos e literários relativamente conhecidos nas narrativas sobre prostituição.

e complementares de “ordenar” e também de reconstruir e constituir a experiência social brasileira. E que “é estudando o espaço de uma sociedade que se pode lançar luz sobre questões tão importantes como o seu sistema ritual e o modo pelo qual ela faz sua dinâmica” (DaMatta 1991: 70-71).

Segundo o pesquisador, o código da Casa é fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio, ou seja, é emocional. A casa é o espaço onde exigimos nossa presença e opinião; é onde se quer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família, um espaço com direito inalienável e perpétuo. Já o código da Rua é baseado em indivíduos anônimos e desgarrados, que são maltratados pelas autoridades, pela aplicação de leis universais, por uma burocracia antiga e profundamente ancorada entre nós, e por um formalismo jurídico-legal que chega às raias do absurdo. Neste, não se tem paz, nem voz. Segundo o autor, o espaço público serve como foco para a relação estrutural entre o indivíduo e a massa.

A *Rua*, assim como a *Rua damattiana*, abriga também malandros, párias e marginais. E isso foi personificado na figura de Paulão, que se apresentou dizendo: “*boa noite, meu nome é Paulão e sou violento*”. Logo em seguida, as trabalhadoras do sexo me alertaram que ele era “*uó*” e que era para eu tomar cuidado. Segundo me segredaram, ele mantinha relações com o Primeiro Comando da Capital (PCC), costumava sair com as travestis (nunca com mulheres) e, às vezes, batia nelas. Algumas chegaram a ajoelhar na rua com ele segurando uma arma enfiada em sua boca.

Porém, minha percepção etnográfica e as entrevistas realizadas sinalizaram que isso não era tudo, já que a *Rua* também comporta outras relações. Apesar do julgamento moral da travesti Maria Madalena sobre as colegas de profissão: “*Elas não vivem uma vida social. Elas vivem a vida da noite e acabou [...]*”, me interessei em saber sobre a “*vida da noite*” e esta se tornou um dos focos de atenção da etnografia.

Não só as mulheres e travestis me disseram, como eu também observei, que a *Rua* não era somente o lugar da impessoalidade, do perigo etc., mas que havia a “*vida da noite*”; havia “*vida*” na noite e, por conseguinte, na *Rua*. Quero dizer, com isso, que a *Rua* não era somente *Rua* (damattiana). Em alguns momentos, como exemplificado, sim, a *Rua* possuía aspectos da *Rua*, mas, em tantos outros, a *Rua* se mostrava com outras características, inclusive com traços semelhantes aos descritos como pertencentes à Casa.

Quem contribui para o avanço da discussão a partir dos elementos anteriormente apontados é José Guilherme C. Magnani, em seu trabalho sobre os espaços de lazer na periferia de São Paulo dos anos 1970 e início dos 1980. Ele observou que a *Rua* nem sempre é o lugar da impessoalidade; muito pelo contrário, as pessoas constroem relações,

mesmo neste espaço. Magnani (2012) destacou que existia um ordenamento para as formas de lazer. E observando o espaço onde as atividades eram praticadas, percebeu a oposição entre “em casa” e “fora de casa”, que pode sugerir semelhança com “Casa e Rua”. Entretanto, ele mostrou que o “fora de casa” não era a Rua, pois “em casa” ocorriam festas de aniversário, batizados, casamentos etc.; e o “fora de casa” subdividia-se em: “na vizinhança” e “fora da vizinhança”; “a vizinhança” abrigava os locais de lazer e encontro, como bares, salões de baile, campos de futebol, espaços comunitários em paróquias etc.

Isso mostrou que os sujeitos estavam dentro de uma determinada forma de controle exercida pelas pessoas que se conhecem de alguma maneira, por morarem próximas ou por, no mínimo, fazerem uso dos mesmos equipamentos urbanos, como pontos de ônibus, telefones públicos, armazém, farmácia, centro de saúde e quadra de esportes. Quando um espaço mais ou menos demarcado tornava-se referência para diferenciar um grupo de frequentadores como pertencentes à uma rede de relações, recebia o nome de *pedaço*⁶.

O termo, na realidade, designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. [...] Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outro situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições (Magnani 1998: 116-117).

Essa categoria nativa levou Magnani a pensar para além da sua pesquisa específica e travar um diálogo sobre apropriação do espaço urbano com outras propostas, inclusive (e, sobretudo) com a de Casa & Rua, de Roberto DaMatta (1985). Se o antropólogo carioca anunciou uma forma paradigmática dividida em dois planos que pretendia dar conta da realidade brasileira, Magnani apresentou o *pedaço*, que sugeria uma terceira via, ou um terceiro domínio, desvelando a complexidade das relações sociais para além do dualismo. Nesse terceiro domínio, desenvolvem-se práticas e estabelecem-se laços que diferenciam

6 *Pedaço* é uma categoria “nativa” de que Magnani se apropriou para denominar esse espaço. Trata-se de uma gíria paulistana, do fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Alexandre Barbosa Pereira (2005) faz uma relação do pedaço com a categoria “quebrada”, que vem a ser, de certa forma, uma atualização do “pedaço”. “O termo quebrada é utilizado para se referir ao bairro onde se mora. Ele tem bastante similaridade com a noção de pedaço, [...], mas também designa uma forma de apresentá-lo para quem é de fora, mostrando-o como um lugar hostil e perigoso para quem não pertence a ele e não conhece suas regras” (Pereira 2005: 56).

e agrupam uma rede de frequentadores. Assim, o pedaço só existe a partir das práticas da coletividade e se torna condição para seu exercício e usufruto.

Como já mencionado, a *Rua* possui elementos da *Rua damattiana*, mas não somente, nem totalmente. Quando, uma vez, insisti em uma pergunta objetiva para as meninas: “O que é a *Rua* para você?”, recebi a resposta também objetiva: “*trabalho e diversão*”. Se tudo que está para fora da Casa é *Rua*, seria até ingenuidade supor que só há trabalho nela. O De Ponta Cabeça Bar, por exemplo, é *Rua*. E é bom lembrar que, quando perguntei para o Coxinha (dono do bar) sobre a relação das profissionais do sexo com seu estabelecimento comercial, ele me disse que, às vezes, quando faziam um bom programa, paravam ali para tomar uma cerveja. Aliás, meu contato se iniciou por meio desses momentos de lazer. Elas chegavam ao bar, pediam cerveja, colocavam música na *jukebox*, dançavam, paqueravam. Em resumo, se divertiam na *Rua*. O próprio Coxinha confessou que sua intenção inicial com o trabalho no bar era se divertir e ficar rico (trabalhando).

A conversa com Charlotte Bittencourt, pela rede social *Facebook*, não deixou dúvidas que há muito mais que *Rua* na *Rua*: há criação e estabelecimento de vínculos e relações.

[Eu] *Oi! Tudo bem?*

[Charlotte Bittencourt] *Oi! Tudo e você?*

[Eu] *Tudo bem. Estava em São Carlos ontem e não vi você.*

[Charlotte Bittencourt] *Eu não estou mais em São Carlos.*

[Eu] *Está onde?*

[Charlotte Bittencourt] *São Bernardo na minha casa repousando a pele [risos].*

[Eu] *Não gostou de São Carlos?*

[Charlotte Bittencourt] *Fiquei quase três meses aí.*

[Eu] *Era o plano ficar três meses em São Carlos ou menos?*

[Charlotte Bittencourt] *Menos, bem menos. Três semanas no máximo.*

[Eu] *Entendi.*

[Charlotte Bittencourt] *Mas gostei do que conheci. Conheci pessoas incríveis que hoje viraram minhas amigas.*

[Eu] *Que bacana!*

[Charlotte Bittencourt] *A rua tem disso [...]*

Esses vínculos e relações também se mostraram quando, junto com Raabe, socorri sua amiga que passava mal no bar. Quando ofereci ajuda sozinho, ela não aceitou, mas quando me viu com Raabe, concordou em entrar no meu carro e ser levada para casa. A presença da amiga lhe deu segurança para receber ajuda de um estranho.

Posso afirmar, então, que há *pedaço* na *Rua* também. A *Rua* não é o resto do mundo fora da casa, pelo contrário, é, assim como o *pedaço*, o espaço intermediário entre o privado e o público, concentra pessoas e permite relações mais personalizadas e duradouras. Na *Rua* há também uma espécie de terceiro domínio, onde se desenvolvem práticas e se estabelecem laços que diferenciam e agrupam uma rede, não de frequentadores, mas daquelas que fazem a *Rua* existir a partir das suas práticas de coletividade, e essas se tornam condição para seu exercício e usufruto.

Raquel, que já havia trabalhado em boates e na *Rua*, sempre que podia falava bem da *Rua*. Quando perguntei o que era melhor, ela não titubeou.

[Eu] *E na rua é melhor?*

[Raquel] *Na rua é melhor. Fica mais à vontade, né, André? Cê tem liberdade pra tudo. A hora que eu quiser ir embora eu vou, não tenho que pagar nada pra ninguém. Não tenho que nada.*

[Eu] *Entendo.*

[Raquel] *E a rua é bom por isso, cê tem liberdade, cê ganha dinheiro, cê se diverte, faz amizade, faz tudo. Me diverti pra caralho ontem, fui embora travada [risos].*

Faz-se de um tudo na *Rua*⁷, inclusive ficar “travada” (bêbada) no *De Ponta Cabeça Bar* ou em outros lugares. Como tudo para fora de casa é *Rua*, os lugares físicos específicos de ocupação e relações se diversificam, ainda que dentro do contexto.

[Eu] *Você falou que veio pra São Carlos e começou trabalhar em casa [de prostituição], lá na Getúlio Vargas mesmo. Começou lá e aí começou a fazer amizades com o pessoal da rua e foi pra rua.*

[Raquel] *É, porque o pessoal da rua eu já conhecia. Na verdade eu já tinha amizade com o pessoal da rua. Eles passavam em frente às boates, às vezes entravam e aí comecei ir pra rua, fazer amizade. Nós nos encontrávamos ali no posto, entendeu?*

[Eu] *Entendi.*

[Raquel] *Aquele posto BR ali era o fervo, era o nosso fervo ali.*

7 Medeiros (1999), Askabide (2006) e Tedesco (2008) mostraram que, na *Rua*, as trabalhadoras do sexo se sentem mais livres para organizar seu próprio trabalho e vida.

[Eu] *Ali que juntava?*

[Raquel] *É. Ali que juntava.*

[Eu] *Mas agora não pega mais nada ali.*

[Raquel] *Não pega porque não pode mais ficar lá, né? Não pode ficar muito movimento ali. Ali era o point nosso. Mas aí começou juntar muito negócio de droga e tal, né? Som alto, né? Aí parou. A polícia começou a pegar geral direto lá aí parou. E aí o dono do posto já não quis mais que ninguém ficasse ali. Às vezes a gente vai toma uma cervejinha e fica lá, mas se começa muito movimento o gerente ou o dono do posto já liga e já chama os homens [polícia] e aí já esparrama todo mundo.*

Na *Rua* pode-se “ferver” e até mesmo se apaixonar ou causar apaixonamentos.

[Raabe] *E tem umas que acha que cliente é marido, que é delas que só pode sair com elas [...].*

[Eu] *E rola de se apaixonar ou o cliente por vocês?*

[Raabe] *Ah, rola de monte. Mais do cliente pela gente.*

[Eu] *E aí ele procura sempre a mesma.*

[Raabe] *Ah, procura sempre, mas eu corto.*

[Eu] *Por quê?*

[Raabe] *Por que aí depois já não quer mais programa, quer amorzinho, mas eu não gosto, não. Já tive marido lá em Ribeirão e foi difícil largar, então hoje não dá [...].*

A última vez que encontrei Giovana, ela me disse que estava um pouco “sumida” porque havia “*arrumado um marido*”, por isso estava indo pouco para a *Rua*. Estava feliz.

Charlotte Bittencourt me contou que o que a levou para a *Rua* foi um relacionamento “mal sucedido”, mas que na *Rua* encontrou outra maneira de ver a vida e o mundo, onde é possível “gozar e ganhar” dinheiro.

[Charlotte Bittencour] *Conheci um rapaz. Ele tinha dezoito anos. Nos conhecemos eu era Office boy e ficamos juntos dez anos. Construí estando junto com ele dois salões de beleza e pensava que era feliz, mas eu queria mais. Foi aonde resolvi me plastificar coloquei meus seios e fiquei solteira. Vendi meus dois salões e fui virar perigete.*

[Eu] *Mas essa vontade surgiu do nada?*

[Charlotte Bittencour] *Cansei de ser somente um objeto sexual de uma pessoa no qual passei dez anos sabendo depois de oito anos que ele tinha uma amante. Fui fiel, sincera e dei de tudo pra ele viver uma vida de playboy.*

*Então depois de tantos anos de dedicação somente por um homem resolvi virar puta. Chupar e gozar por dinheiro com velho fedido e homens lindos cheirosos. Ali vi que eles me davam valor como puta. **Então eu gozava e ganhava.***

Há uma produção substancial sobre a multiplicidade dos mercados do sexo e prostituição de rua no Brasil⁸. Tal produção efetua ótimas análises das socialidades e relações de poder que constituem essa multiplicidade para compreender os temas da corporalidade, parentesco, sexualidade e gênero.

Olivar (2013) mostra a batalha de mulheres pelo espaço da rua em Porto Alegre – RS, locais que o autor classifica como “zonas simbólicas”, “territórios corporais”, “sensíveis” e “da imaginação”. E apresenta como a experiência adquirida na prostituição de rua conjugase às mudanças no cenário político para ensejar novas formas de constituição de sujeitos na intimidade e nas relações com o Estado e com a “sociedade”.

Fonseca (1996) e Sales (2013) relatam as relações observadas em praças (a primeira em Porto Alegre – RS, a segunda em Fortaleza – CE), que ultrapassam relações estritamente profissionais. França (2014) ao mostrar o papel dos afetos na prostituição, apresenta os múltiplos arranjos que as profissionais do sexo realizam em suas relações com clientes que extrapolam um sentido único de impessoalidade das trocas econômicas que supostamente estariam presentes nos mercados do sexo. De maneira parecida, Piscitelli (2013) articula a categoria “ajuda” para demonstrar que há nuances e permeabilidades entre o mundo profissional e o mundo pessoal.

Esses trabalhos com os quais dialogo também corroboram meu argumento de que a *Rua* não é só Rua, ao mesmo tempo que não é só *pedaço*. A seguir apresento que além da fronteira entre “casa” (ou casas) e *Rua*, na própria *Rua* há fronteiras internas e uma lógica própria.

“Frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo” e “fundo”

A *Rua* tem apropriações, vivências e experiências tão pessoais e particulares que as divisões que as trabalhadoras do mercado sexual fazem dela sugerem que essas qualificações – “frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo”, “fundo”, podem ter sido pensadas a partir da relação entre os próprios espaços locais. Tal vocabulário pode ser (e é muitas vezes) utilizado para se referir ao corpo. Charlotte fez até piada com isso certa vez, quando uma das meninas disse para ela ir “*lá para trás*” e ela respondeu: “*eu vou, mas faz tempo que não*

8 Entre outros trabalhos importantes, conferir Fonseca (1996), França (2014), Patriarca (2015), Pelúcio (2009), Piscitelli (2013), Olivar (2013), Sales (2013), Santos (2012).

levo nada atrás”, após se queixar que “nessa cidade só tem viado, faz tanto tempo que não dou o cu que até esqueci como faz”.

Os sujeitos na *Rua* estão dentro de uma determinada forma de controle exercida pelas pessoas que se conhecem de alguma maneira por um período de tempo, por ocuparem o mesmo espaço com as mesmas finalidades, e por fazerem parte do mesmo contexto. Não é qualquer pessoa que pertence à *Rua* e não é permitido fazer qualquer coisa e em qualquer lugar dela. Justamente por isso, há na *Rua* fronteiras espaciais baseadas em elementos simbólicos e regras de conduta muito próprias.

Logo de início, percebi que havia uma divisão espacial muito clara: mulheres em um determinado local e travestis em outro. As mulheres ficavam “*embaixo*” e as travestis ficavam na “*frente*”, “*dentro*”, “*atrás*” e no “*fundo*”. “*Embaixo*” dizia respeito a “subir” a Avenida Getúlio Vargas, desde a Praça Itália, até mais ou menos a altura da Rua Fagundes Varela, perpendicular à Avenida. A *Rua da frente*, como já dito, é a própria Avenida Getúlio Vargas.

Não encontrei “*embaixo*” lugar que me possibilitasse permanecer, observar e ter mais contato com as mulheres como consegui com as travestis no De Ponta Cabeça Bar. O melhor lugar que consegui foi um posto de combustível, mas pouco promissor para a etnografia. Mais tarde, soube que a maioria das mulheres que ficavam “*embaixo*” respondia para uma cafetina pouco amigável, a qual dificultava a interação delas com as outras pessoas do contexto. Havia também um acordo tácito que dividia o espaço de mulheres e travestis e impedia o deslocamento delas para outras regiões.

A região com que tive menos contato foi o “*fundo*”, onde me disseram que era o lugar das “*velhas*” (travestis com mais de 30 anos). Assim como na parte de “*baixo*”, no “*fundo*” não havia um bom lugar para sentar e observar.

Ao longo de toda a extensão da *Rua da frente*, transitavam mulheres e travestis, ainda que na parte de “*baixo*” ficassem só mulheres, e no restante, travestis. Entretanto, na *Rua da frente* havia um código que impedia que travestis e mulheres ali permanecessem trajando pouca (ou pouquíssima) roupa. Isso só era permitido “*dentro*”, “*atrás*” e no “*fundo*”, que se localizavam nas ruas paralelas e perpendiculares à Getúlio Vargas, sempre ao sul da Avenida.

A divisão entre mulheres e travestis foi logo percebida e confirmada. Quanto aos outros códigos, demorei um pouco mais para perceber. À primeira vista, não chamou minha atenção o fato de as que estavam com menos roupas estarem do lado de “*dentro*”, e as com mais roupas na parte da “*frente*”. Notei isso quando comecei a ter contato com elas

e observar que muitas com as quais eu conversava no *De Ponta Cabeça Bar* não eram as mesmas que eu via na Avenida. A confirmação veio justamente por elas mesmas:

[Eu] *E como é que fica essa divisão de quem fica na Avenida, quem fica na rua de trás?*

[Maria Madalena] *Só quando acontece essas brigas entre elas. Eu fico lá e você fica aqui, aquela coisa toda. Mas elas podem ir pra lá, podem ficar aqui, podem ficar no postinho, depois das 22h eu fico no postinho. Na rua de trás elas ficam mais porque é mais escuro, elas podem trabalhar nua. Porque não vai ficar nua aqui, né?*

[Eu] *Se ficar aqui tem algum problema?*

[Maria Madalena] *Uma que eu começo a implicar, né? Se quiser ficar nua fica lá atrás, porque lá é mais deserto. E aqui passa gente direto, é muita família. A questão que eles vão olhar, vão xingar ou falar alguma coisa, né?*

Quando fiz uma gentileza para Paulão, que estava no bar e me pediu para levá-lo à uma farmácia, também notei que dividir os espaços em função do vestuário era uma espécie de código compartilhado por quem estava naquele contexto, não somente pelas profissionais do sexo. Após sairmos da farmácia e seguirmos pelas ruas centrais da cidade (desviando da rota da polícia), ele disse que iria “*mostrar onde ficam as bichas peladas*”; era precisamente em uma das ruas de “*dentro*”, na região onde elas costumam chamar de “*atrás*”.

O código era claro, de tal maneira que, após percebê-lo, pude presenciar uma cena emblemática e representativa. Em uma noite que ofereci carona para Raquel e ficamos conversando no bar até tarde, entraram três travestis para, assim como nós, beber cerveja e conversar. Uma delas trajava apenas um “tapa-sexo”, saltos altos e uma bolsa. Enquanto as outras duas pegavam a cerveja, nos cumprimentavam e sentavam em uma mesa, essa que estava em trajes mínimos foi para o banheiro. Quando ela voltou para sentar à mesa com as outras duas, estava vestindo top e minissaia (saltos e bolsa). Ela sabia que na *Rua da frente* não era permitido ficar nua ou com pouca roupa, e, por isso, tratou logo de se trocar.

De maneira indireta (ou não proposital) fronteiras produzidas pela *Rua* contribuem para a própria produção dos corpos. Além da divisão entre corpos jovens e velhos, nota-se que aquelas que optam por ficar nas ruas de “*dentro*” ou “*atrás*” possuem mais intervenções cirúrgicas e estéticas em seus corpos. O volume de silicone aplicado nos quadris, lábios e seios costuma ser maior, a preocupação com o peso e a circunferência da cintura também

é mais elevada, se comparada com as que estão em outros territórios, e toda apresentação do corpo é supervalorizada, uma vez que este será apresentado com pouquíssima ou nenhuma roupa.

Segundo Perlongher (1987), cabe ler o território como uma rede de sinais por onde transitam os sujeitos, não com identidades individualizadas, definidas, conscientes, mas como sujeitos cambiantes, na multiplicidade dos fluxos, na instantaneidade e acaso dos encontros. Uma vez que esse espaço não é moradia e pode ser apenas lugar de uma visita eventual dos sujeitos, no momento em que estão no espaço, identificam-se e ou são identificados como, no mínimo, simpatizantes da atividade ali desenvolvida.

Em vez de falar em identidades, passamos a falar de territorialidades, de lugares geográficos e relacionais. Isto nos convida a conceber uma trama de “pontos” e “redes” por entre as quais circulam (“transforma-se”) os sujeitos, definindo-se conforme sua trajetória e posição “topológica” na rede, e não conforme uma suposta identidade essencial. O conceito de identidade dá lugar ao de territorialidade, à pergunta “quem é?” superpõe-se a [sic] pergunta “onde está?” (Perlongher 1993: 7).

De acordo com Perlongher (1993), o território representa, então, um lugar de reconhecimento de identidades. Depende de onde o sujeito está situado, remete à uma identificação, mas esse sujeito não está sempre no mesmo território. Aliás, o comum é que esse sujeito transite por vários territórios. Contudo, o destaque nas identidades passa a ser substituído pelo destaque nas territorialidades, lugares relacionais e lugares categoriais, de modo a captar como os sujeitos se definem mutavelmente a partir de posições e trajetórias variáveis dentro de uma rede, bem como da participação em diferentes redes.

Não se trata, segundo Perlongher (1993), de pensar a cidade como um mosaico de mundos sociais que fragmenta também o sujeito. Tal pensamento vem de uma concepção do espaço urbano muito inspirada na Escola de Chicago, a qual supunha que o espaço urbano produz modificações *per se* no comportamento dos sujeitos. Muito pelo contrário, a cidade tem de ser julgada e entendida apenas em relação àquilo que seus habitantes desejam dela.

Perlongher (1993) faz uma apropriação particular do clássico conceito de região moral, que, para Robert Park (1979), designava um território residual para o qual convergiam interesses, gostos e temperamentos ligados à boemia, ao desejo não convencional, ao “vício” e à toda sorte de marginalidades como área de convergência e circulação, mais do que fixação residencial, para repensá-la como *código-território*.

A expressão “código-território” se refere à relação entre o código e o território definido por seu funcionamento. [...] na qual se distinguem dois elementos: uma “sobrecodificação” – sucordage, código de códigos – e uma “axiomática”, que regula as relações, passagens e transduções entre e através das redes de códigos, que por sua vez “capturariam” os corpos que se deslocam, classificando-os segundo uma retórica, cuja sintaxe corresponderia à axiomatização dos fluxos (Perlongher 2005: 276).

Perlongher (2005) coloca a referência ao código como central na noção de *territorialidade*, uma vez reconhecidas as dificuldades de defini-la com precisão. A partir disso, envereda para as noções de *desterritorialização* e *reterritorialização*, pensando esses processos com referência a códigos sociais no sentido amplo.

Com isso, Perlongher (2005) destaca uma territorialidade expressa em um código peculiar, que distribui prerrogativas categoriais a corpos e desejos em movimento. Ou seja, o “código território” é o território que aparece como referência na produção de subjetividades. Significa dizer que a territorialidade não se limita a um espaço físico, mas, sobretudo, diz respeito ao espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido muito menos descritivo (o que é feito lá) do que prescritivo (o que pode ser feito lá) (Silva, 2006).

Como demonstrado, a territorialidade vincula-se também a identidades, que apesar de marcadas pela fluidez, são estabelecidas relacionalmente. A demarcação espacial é também moral e passa por jogos de poder pelos quais se determina quem pode ficar onde e os significados dessa fixação. Fixação que não pode ser confundida com imobilização/sedentarização, mas com aceitação e compartilhamento de códigos que circulam e informam, mas que são fluidos (Pelúcio, 2009). Como se vê, os territórios e identidades se confundem pela significação que os sujeitos imprimem nos corpos: formas, músculos, saltos, olhares, gestos, práticas eróticas anunciadas e insinuadas nessa marcação.

Tais considerações se coadunam com as observações de Magnani (2012), que pensa o pedaço como espaço de relações. Perlongher (2005) foi feliz em notar que quem ocupa um lugar é um sujeito que, em algum momento, assume um discurso que coincide com o do lugar ocupado. Ou, ainda, que estar nesse lugar dá ensejo a, no mínimo, ser reconhecido como conivente com o discurso daquele lugar no momento da ocupação. E que não quer dizer que em todos os momentos da vida desse sujeito esse discurso será o mesmo. Muito pelo contrário, ao longo de sua trajetória, ele ocupará diversos lugares e assumirá ou será reconhecido por ser portador de diversos discursos.

Na medida em que a *Rua* também é um território apropriado e produzido pelos

sujeitos e que se torna referência de espaço de prostituição em São Carlos, ela também contém o “código-território”, pois é também uma territorialidade expressa em um código peculiar, que fornece atribuições categoriais a corpos e desejos em movimento, produzindo subjetividades, representando de igual modo um movimento de desterritorialização e promovendo também uma espécie de reterritorialização. As divisões da Rua em “*frente*”, “*baixo*”, “*dentro*”, “*atrás*” e “*fundo*”, e os códigos de cada local não deixam dúvidas disso, ao demonstrar que é código em relação, não apenas pela posição geográfica definida, mas pelos usos, pelo código em jogo e que é através do mesmo e nesses lugares que múltiplas fronteiras se constroem. Fronteiras entre mulheres e travestis, entre as mais novas e as mais velhas, entre as com mais roupas e as com menos roupas, entre as com os corpos mais modificados e as com os corpos menos modificados.

Como contou Maria Madalena, a região da Avenida Getúlio Vargas foi apropriada como lugar de prostituição após ser “conquistada” em meio a diversos conflitos. Essa apropriação se consolidou e fez do lugar referência para a atividade. Tal identificação do lugar se tornou tamanha que Raabe disse que, ao ser convidada para ir à São Carlos, já foi direto para a Avenida Getúlio Vargas. Perguntei se não tinha outra referência de outro lugar na cidade pra isso e ela me respondeu: “*Não. Só me disseram dessa região mesmo*”.

Com isso, a *Rua* também é código-território, no sentido proposto por Perlongher (2005), quando diz que o território aparece como referência para notar a produção de subjetividades dos interessados que vão até ela, pois qualquer pessoa que é vista na região da Avenida Getúlio Vargas no período noturno é identificada como, no mínimo, simpaticante das atividades ali exercidas.

Considerações finais

A *Rua* corresponde, como já apresentado, a tudo que diz respeito ao contexto externo ao da casa, seja ela pensão, residência ou boate. Com isso, é possível entender a região da Avenida Getúlio Vargas como um contexto na prostituição em São Carlos. E, partindo da ideia de contexto – um ambiente no interior do qual pessoas e elementos simbólicos se relacionam entre si, e é justamente constituído pelo ato de relacioná-los (Wagner 2012), a *Rua* se mostra como uma categoria desse contexto que indica uma série de possibilidades a serem consideradas.

Não considerei apenas uma atmosfera que envolve e rodeia pessoas e coisas, na qual um símbolo é utilizado e foge dos limites e conceituações, mas, em um aspecto amplo, empreguei-o para qualquer conjunto de elementos simbólicos que ocorriam no mesmo

lugar, de alguma maneira, formando uma continuidade reconhecível. Um contexto é, ao mesmo tempo, parte da experiência e algo que esta constrói. Cada parte identificável de um contexto reconhecido se pertence mutuamente, da mesma forma que mesas, cadeiras, copos, cervejas, mesas de sinuca pertencem a um bar.

A *Rua* apresenta possibilidades que extrapolam os limites colocados por alguns conceitos e categorias clássicas da antropologia urbana (Casa & Rua; Pedaco; Código-território). Contudo, faz isso sem negá-las; aliás, muito pelo contrário, contém nela, de alguma forma e em determinados momentos, aspectos de cada categoria já anunciada. E, se Magnani chamou o *pedaco* de terceiro domínio em relação à Casa e à Rua, de Roberto DaMatta, a *Rua* é uma espécie de “outro domínio”, algo que aponta para o além, que, se não quebra as categorias já exploradas, ao menos expande suas fronteiras e apresenta uma nova maneira de pensar as apropriações pelos sujeitos da e na cidade.

Não como uma categoria estática que se encerra em si mesma, tornando-se autorreferente e auto significativa, mas através da invenção que as mulheres e travestis fazem dela em diferentes momentos e lugares, na relação com outros espaços, outras pessoas e outros corpos. Mostrando que a produção e apropriação de territórios não estão exatamente atreladas às estabilizações identitárias de pessoas e ou espaços, mas na circulação e ressignificação de códigos, possibilitando pensar que a partir da afirmação de Raabe que “*tudo é rua*”, a *Rua* é ou pode ser tudo.

O aspecto original encontrado na categoria *Rua* é como ela realiza conjunções e justaposições de outras categorias já descritas e sua heterogeneidade. Tendo sempre como horizonte a percepção das mulheres e travestis da *Rua*, é impossível negar que as observações e considerações sobre a Rua, de Roberto DaMatta (1985), são pertinentes e facilmente identificadas na *Rua*, porém, elas não são exclusivas e/ ou majoritárias. Há, sim, em determinados momentos, a presença da Rua na *Rua*, como exemplificado, mas não de forma contínua, pois aparece também o pedaco na *Rua*. Mesmo não sendo local de moradia, são construídos e estabelecidos laços característicos de um terceiro domínio, que não é Casa e nem Rua. E, ainda, a *Rua* se mostra como *código-território* por ser um território reconhecido por abrigar a atividade de prostituição e também por produzir fronteiras e distribuir atribuições categoriais a corpos e desejos em movimento, produzindo subjetividades não só na *Rua*, mas também nas regiões específicas da *Rua*: “*frente*” seria o lugar de travestis com mais roupas e de até trinta anos de idade; “*atrás*” e “*dentro*” seria o lugar de travestis com pouca roupa e também de até trinta anos de idade; “*fundo*” seria o lugar de travestis com mais de trinta anos de idade (consideradas velhas); “*baixo*” seria o lugar das mulheres.

Essas divisões não são rígidas e intransponíveis. O exemplo disso é que encontrei Raquel em uma das ruas de “dentro” junto com travestis; também vi travestis com mais roupas nas ruas de “dentro” e “atrás”; assim como entrevistei Maria Madalena (que já havia passado dos trinta anos) na “Rua da frente”.

A *Rua* apresenta um espaço dinâmico onde o mesmo lugar pode ser pessoal e impessoal e produzir seus próprios códigos. Como visto, ela é rua, mas também pedaço e também código-território. Por ser ou conter nela todas essas categorias, ela não é nenhuma delas. Ela é *Rua*. Sua dinâmica e fluidez se dá justamente porque se negocia, muitas vezes com rigor formal, algo que é construído para ser muito íntimo e pessoal e, assim, as fronteiras se inter cruzam e se resolvem por meio de “boas combinações” (Zelizer 2009)⁹.

Quando Raabe diz que se relaciona com homens jovens, velhos, mulheres, casais, pessoas que pagam seu tempo só para conversar e clientes recorrentes que até se apaixonam, fica claro que, ainda que haja algum tipo de negociação econômica, esta permanece longe de ser a única via predominante e ou determinante na construção das relações no local, mas é evidente que esse fator não deixa de existir e ser latente e, por isso, as relações não se dão somente a partir de laços afetuosos ou algo parecido. Da mesma forma, as abstrações e divisões da *Rua* existem, produzem, identificam e organizam o espaço e as pessoas, mas não são estanques e/ ou impedem um trânsito (relativamente) livre entre esses espaços.

Portanto, a *Rua* aparece como uma categoria, dentro do contexto da prostituição são-carlense, na região da Avenida Getúlio Vargas, que combina uma série de categorias sem se limitar a nenhuma delas, e faz justamente desse potencial de conjunções, sobreposições e justaposições sua característica principal. Travei esse diálogo não apenas em respeito à uma bibliografia já muito discutida, mas com o intuito de construir uma reflexão sistemática sobre a apropriação dos espaços pelos sujeitos e contribuir com o tema por meio de outra abordagem.

9 Segundo Viviana A. Zelizer (2009), quando os participantes estão negociando ao mesmo tempo relações interpessoais delicadas e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas podem ser facilmente confundidas, há conflito e confusão gerados em função da intersecção de “Dinheiro, poder e sexo”. E para lidar com essas dificuldades, as pessoas fazem uso de um conjunto de práticas chamado por ela de “Boas Combinações”.

Referências

- ASKABIDE. 2006. *Violência de género y prostitución: La violencia de género contra El colectivo de mujeres que ejercen la prostitución*. Bilbao, Ed. Mensajero.
- BECKER, Howard. 1996. "A Escola de Chicago". *Mana: estudos de antropologia social*, vol. 2, n. 2, out/1996. pp. 177-188.
- DAMATTA, Roberto. 1991. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- DOS SANTOS, Rafael F. Gonçalves. 2012. *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes - RJ*. Dissertação de Mestrado, UERJ.
- FONSECA, Claudia. 1996. "A dupla carreira da mulher prostituta". In: Estudos feministas N1.
- FRANÇA, Marina Veiga. 2014. "Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Bolo Horizonte". *Cad. Pagu [online]*. n. 43, pp. 321-346.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 1998. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec.
- _____. 1999. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel.
- _____. 2012. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- MEDEIROS, R. 1999. *Hablan las putas! Sobre las practicas sexuales, prostitución y SIDA en el mundo de la prostitución de Barcelona*. 2ª ed. Barcelona, Virus Editora.
- MOIRA, Amara. 2016. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora.
- OLIVAR, José Miguel Nieto. 2013. *Devir Puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- PARK, R. E. 1979. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". 4. ed. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar pp. 26-67.
- PATRIARCA, Letizia. 2015. *As corajosas: etnografando experiências travestis na prostituição*. Dissertação em Antropologia Social, PPGAS – USP.
- PELÚCIO, L. 2009. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume-Fapesp.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2005. *"De rolê pela cidade": os pixadores em São Paulo*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH – USP.
- PERLONGHER, Nestor. 1987. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1993. "Antropologia das Sociedades Complexas: Identidade e Territorialidade, ou como estava vestida Margareth Mead". *Revista Brasileira de Ciências*, nº 22: 137-144.
- _____. 2005. "Territórios Marginais". In GREEN, J.; TRINDADE, R. *Homossexualismo em São*

Paulo e Outros Escritos. São Paulo: Editora Unesp. pp. 263-290.

PISCITELLI, Adriana. 2013. *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

RODRIGUES, André Rocha. 2015. "*RUA DA FRENTE*": Avenida Getúlio Vargas como contexto na prostituição em São Carlos – SP. Dissertação, Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

SALES, Ana Paula Luna. 2013. "Espaços de prostituição, espaços de dominação". In: SIMÕES, S.S.; SILVA, H. R. S.; MORAES, A. F. (orgs). *Prostituição e outras formas de amor*. Rio de Janeiro: EdUFF.

SILVA, Marco Aurélio. 2016. "O Carnaval das Identidades: homossexualidade e liminaridade na Ilha de Santa Catarina". http://www.antropologia.com.br/arti/arti_ant.html, edição 22. Consulta em 23/03/2018.

TEDESCO, Letícia da Luz. 2008. *Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS - NACI/UFRGS.

WAGNER, Roy. 2012. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify.

ZELIZER, Viviana A. 2009. "Dinheiro, poder e sexo". *Cad. Pagu [online]*. n. 32, pp. 135-157.

Recebido em 30 de novembro de 2017.

Aceito em 07 de março de 2018.